

**Viraldo Barbosa Ribeiro\***

## Os Catingueiros

Há nomes ou expressões que vão desaparecendo aos poucos do linguajar do povo, das conversas, do dia-a-dia das pessoas. Alguns desaparecem totalmente como algumas famílias. Parece até que foram de uso exclusivo de grupos que sumiram devagarzinho, misturando-se com outros. Outros vão sendo substituídos por novas palavras ou expressões na representação da mesma atividade. Os que ficaram lá para trás tornaram-se esquecidos, relíquias, nomes esquisitos, desnecessários, mortos.

Algumas palavras são mais fortes, de quando em vez lembradas. Também como famílias, certamente maiores, se misturam, mas mantêm a identidade. Originam-se de regiões mais extensas, de atividades mais consistentes, mais permanentes, por isso resistem mais um pouco.

A cultura da cana de açúcar no Recôncavo, é uma atividade econômica que também protagonizou esse fenômeno de nomes e expressões típicas do trabalho. Muitas expressões surgiram e desapareceram à medida que os processos produtivos se modificaram. Saíram de evidência com as locomotivas, com a substituição dos arados, com novas tecnologias. Não se escutam mais, na fala corrente, nomes ou expressões como: *botada* (1), *pejada* (2), *esquente* (3), *fogo morto* (4).

- (1) Início da moagem
- (2) Fim da moagem
- (3) Aquecimento das caldeiras
- (4) Usina ou engenho que parou de moer

\* Economista. Fundador do Espaço Cultural Banguê.  
E-mail: viraldo@banguê.com.br



quebrar ferrugem (5), catingueiros, carreiro, lama de cachaça (6), mel cabaú (7), burro-de-mel, caminho-sem-fim (8), rego novo, boi de coice (9). Tirando fora Catingueiros, todos os demais encenaram no teatro dos engenhos e das usinas.

Essas palavras em desuso nas conversas, nas cartas, nos livros, nos balcões, habitam desconfiadas as páginas dos Aurélios e, vez por outra, surgem nos poemas, nas prosas dos saudosistas, ou nos contos daqueles mais teimosos, que insistem em mantê-las vivas:

*O mês de agosto se preparava para entregar seus dias a setembro/  
A fumaça do **esquente** ia longe,  
bem longe/ O grito se repetindo de  
pessoa a pessoa/  
Chegava no Sertão, chegava na caatinga/  
Lá vinham os **Catingueiros**,  
homens, mulheres e filhos/ Do  
Sertão para o Recôncavo/ Começava  
a **moagem**/*

(Jornal Bangüê, número 13, maio 2002).

Entre essas palavras, é preciso evidenciar **catigueiro**, denominação dada ao sertanejo, que foi trabalhador importante nos canaviais do massapê.

- (5) Atividade, geralmente com menores durante a parada da moagem.
- (6) Expurgos da industrialização da cana: bagaço, vinhoto etc, utilizável como adubo no canavial.
- (7) melação preto, não refinado.

(8) Esteira rolante provida de lâminas para triturar a cana, no início do processo da industrialização.

(9) Aquele da canga mais próxima do carro de boi.

Jornal Bangüê – Folha A4, com circulação restrita, também publicado no site: [www.banguê.com.br](http://www.banguê.com.br).

Com pouca possibilidade de errar, pode-se dizer que o fluxo do homem sertanejo para o Recôncavo não está historicamente registrado. As informações decorrem da comunicação oral, que, apesar das limitações naturais, vai passando de uma geração para outra deixando pelo caminho dados mais precisos, como datas, locais, etc, que, se não são anotados, comete-se, com certeza um erro ainda maior para com a *memória do açúcar*. Por isso, é preciso que os interessados pelo assunto registrem fielmente as lembranças daqueles que inspiram credibilidade. Caso contrário, os Catingueiros ficarão, com o tempo, despercebidos na história do Recôncavo açucareiro.

Esse povo, vindo da caatinga, teve sua participação na indústria da cana de açúcar ligada a dois fatores: a seca no Sertão e a falta de braço para o trabalho duro com a enxada e o facão no Recôncavo.

A falta de braços, de homens livres, para o trabalho no canavial se constata desde os engenhos, passando pelos engenhos centrais, chegando às usinas. O trabalho no canavial era muito pesa-

do. Abrir e de massa não atraía mo sendo

Não pirações; a sistência e seguiam a pedaço de vam de d roupa, por trabalho (t guirem o ( é fácil dec trabalhava ca. Junte-des de ace a inexisten hos penc

É pi ção dos trializaçã tenha da das usina cio do séc outra pos mais ferr atraíram

Um grande in Magalhãe açúcar. " usinas foi rias socie açúcar foi delas, su. Magalhãe Lavoura . Nessa ( Magalhãe comércio controlar

do. Abrir rego, cortar cana no solo de massapé, com enxada e facão, não atraía os homens livres, mesmo sendo atividade remunerada.

Não tinham eles maiores aspirações; as necessidades para subsistência eram mínimas e eles conseguiam atendê-las plantando num pedaço de terra. Quando necessitavam de dinheiro, para compra de roupa, por exemplo, procuravam um trabalho (não de enxada) até conseguirem o ganho suficiente, por isso é fácil deduzir que o sertanejo não trabalhava no canavial nessa época. Junte-se também às dificuldades de acesso do Sertão para o Mar: a inexistência de ferrovia e os caminhos penosos no verão.

É provável que a participação dos Catingueiros na industrialização da cana de açúcar se tenha dado com a implantação das usinas, fim do século XIX início do séc. XX. Novos industriais, outra postura, construção de ramais ferroviários para as usinas atraíram essa mão de obra.

Um fato que deve ter tido grande influência, foi a entrada de Magalhães S.A. no negócio do açúcar. *"Com a guerra de 1914, as usinas foram se endividando e várias sociedades para a produção do açúcar foram dissolvidas. No lugar delas, surgiu uma subsidiária de Magalhães e Cia., a Companhia Lavoura Industria Reunidas S/A. Nessa oportunidade, a Casa Magalhães passa a monopolizar o comércio do açúcar na Bahia e a controlar a produção.[...] A Lavoura*

*Industria Reunidas S/A., concentrando o grosso da produção nas usinas Aliança, Terra Nova, adquiriu terras de engenhos decadentes, de fogo morto, onde implantou os seus canaviais. A produção de açúcar das usinas Aliança, São Carlos, Terra Nova, São Bento era entregue à Lavoura Industria Reunidas S/A."*(NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira, 1975:28 *Memória da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*).

Os Catingueiros eram homens e mulheres que fugiam da seca do Sertão, da Caatinga, para trabalhar cortando cana nos canaviais dos Lavradores ou das Usinas. Vinham a pé, de distantes municípios da região de Serrinha, Senhor do Bomfim, Itará.

Eles vinham, também, espontaneamente e às vezes nem retornavam mais para as suas terras. Constituíam família ou mesmo radicavam-se de vez com aquelas que os acompanhavam na embaixada. Mas, de um modo geral, vinham forçados pela seca, pela falta de trabalho, por causa da fome.

Na busca por esse passado, depara-se com várias pessoas que são testemunhas vivas da época, ou até foram personagens por se tratarem de filhos de lavradores. Precisão no tempo só a obtida diretamente com essas pessoas, que vão relembrando fatos sobre a migração dos catingueiros:

*"Edmundo Passos era um sertanejo que trabalhava na cons-*



*trução de ramais ferroviários das usinas. Ele trazia muitos conterrâneos para trabalhar na construção e também na lavoura". Assim se pronunciou D. Leonor Coutinho, que por muito tempo foi professora dos filhos dos trabalhadores da Usina São Bento do Inhatá.*

*"Dizem que Antonio Maroto, um empreiteiro da Usina Terra Nova, no início da moagem viajava para o Sertão para contratar os Catingueiros para trabalhar nos canaviais"*

*"Me lembro de um dia, (1932 ou 33, seca braba!) uma família inteira se arranchando na varanda lá de casa pedindo comida e trabalho, não só lá, em outras também de S. Bento, era muita gente. Meu pai era administrador de campo, aqueles sertanejos foram lá para encontrá-lo e com a certeza de trabalhar". Falou assim o professor Juvenal, filho de Seu Manéca de S. Bento.*

*"Meu pai, José Matías, era administrador de campo em Tebaida, São Bento. Todo ano, no mês da moagem, uma família inteira se instalava no avarandado lá de casa, dormiam ali mesmo. Comia farinha seca com carne do sertão, minha mãe às vezes oferecia feijão, (plantávamos muito feijão e milho). Quando estava perto do Natal, mais ou menos no dia 15 de dezembro, a família retornava para sua terra. No outro ano, voltava novamente. Isso se repetiu por muitos anos" Assim se resume, o que falou Mário Silva na lucidez*

dos seus 82 anos, dos quais 62 vividos em Terra Nova. Boa parte de sua vida trabalhou nos Campos das usinas.

Catingueiros, não foram somente os sertanejos que chegando no Recôncavo iam trabalhar nos canaviais. Esses homens, mesmo trabalhando em outras áreas da indústria de cana de açúcar, eram chamados de Catingueiros. E muitos dos imigrantes eram contratados por empreiteiros para trabalhar no Caminho-Sem-Fim. Esse fato foi dito por Mario Silva (Mario Pinga) e confirmado depois por Zé Ligeiro:

*"Foram empreiteiros da usina no trabalho do Caminho-Sem-Fim de Terra Nova: Seu Umbelino, o filho Dão, e Antonio Maroto... Os empreiteiros contratavam os Catingueiros para empurrar as canas dos vagões para o Caminho-Sem-Fim... empurravam com as pernas, protegidas por um calçolão de lona. Tenho 82 anos, nasci em 1922, comecei a trabalhar na usina com oito anos de idade... Meu pai se chamava Antonio Portela, também trabalhava na usina, na máquina de moer. Eu pequeno, ele já falava sobre os Catingueiros. Moravam no Caipe, num barracão sem portas, construído por Fernando Sena, gerente da usina".*

### **Catingueiro - "habitante da caatinga".**

Os Catingueiros ficavam morando nos alojamentos das usi-

nas, in-  
cana, re-  
quinzen-  
cana, (o  
braça).  
nheiro.  
que fore-  
nos cam-  
vale, qu-  
troca. N-  
feita a  
saldo, p-  
A  
sempre  
lugar ac-  
pois às  
ficando  
outra -  
São Ben-  
Paranag-  
Fundo).  
apenas  
Paranag-  
Ma  
como ta-  
de fora,  
viais no  
antigam-  
ções das  
dos e ap-  
tanejos  
Alagoas,  
mados d-  
Do  
que trab-  
patos e  
"Cansei  
tenho d-  
limpei e  
meses d-  
assinada  
fora para

nas, instalados nas fazendas de cana, recebiam seus salários por quinzenas, ganhavam por *rego de cana*, (o peso da cana cortada por braça). A remuneração era em dinheiro. A partir do momento em que foram dispostos os armazéns nos campos, apareceu a figura do vale, que servia como moeda de troca. No dia do pagamento, era feita a apuração dos gastos e o saldo, pago em dinheiro.

A indústria da cana viveu sempre em agonia, o engenho deu lugar aos engenhos centrais, depois às usinas, que também foram ficando de fogo morto, uma após a outra – São Carlos Santa Elisa, São Bento, Passagem, Terra Nova, Paranaguá (no distrito de Rio Fundo). Restam, no Recôncavo, apenas duas usinas: Aliança e Paranaguá II.

Mas os serviços existem, como também os homens vindos de fora, para trabalhar nos canaviais no período da moagem. Como antigamente, moram em instalações das empresas; são contratados e apanhados em redutos sertanejos e também no estado de Alagoas, porém não são mais chamados de Catingueiros.

Dona Nilzete, uma senhora que trabalha numa fábrica de sapatos em Terra Nova, conta: *"Cansei de trabalhar no canavial... tenho duas formaturas... cortei, limpei e adubei cana... eram seis meses de trabalho com carteira assinada... Ainda vem gente de fora para trabalhar no canavial...*

*tem gente de Alagoas e do Sertão... ficam nos alojamentos em Jacuípe... são a maioria, os mesmos. Os ônibus vão buscá-los no lugar, depois da moagem levam de volta".*

Cosme, outro trabalhador de cana, residente em Amélia Rodrigues informa: *"trabalho em Itapetingui, lá não tem ninguém de fora... moro numa casinha da empresa, no? campo, quem tem família volta todo dia de bicicleta para Amélia... saio entre três e quatro horas, cinco horas começamos... Recebemos dois reais por tonelada, tem gente que corta até oito toneladas... Lá em Aliança é que trabalha gente de fora, uns vêm de Alagoas outros do Sertão, moram em Alojamento, em Jacuípe. Quando termina a moagem, são levados para as suas terras. Na outra moagem, começa tudo de novo".*

Ao que parece, enquanto houver cana e usina, canavial e massapê, para o Recôncavo, migrarão homens para suprir o déficit dos *braços livres*. Mas não se chamarão **Catingueiros**, serão outros nomes; a redução do número de usinas transformou-os em *habitante da caatinga*, em *trabalhador de cana*.

Vivaldo, julho de 2004.